

Que as divinas sementes que existem em nós

deem bons frutos.

Irmãs e irmãos amados, que a plena e verdadeira paz esteja sempre com vocês!

No décimo quinto Domingo do Tempo Comum, segundo o calendário litúrgico cristão ocidental (12/7/2020), é-nos indicada para nossa reflexão a passagem narrada por Mateus na qual Jesus apresenta a seus discípulos, os presentes e os de todos os tempos, a parábola do semeador que percebe, ao lançar suas sementes em solos distintos, destinos diversos.

Vamos ler juntos a passagem evangélica citada e refletir sobre ela, trazendo seus ensinamentos para a nossa vida.

1Naquele dia, saiu Jesus e sentou-se à beira do lago. 2Acercou-se dele, porém, uma tal multidão, que precisou entrar numa barca. Nela se assentou, enquanto a multidão ficava à margem. 3E seus discursos foram uma série de parábolas. 4Disse ele: Um semeador saiu a semear. E, semeando, parte da semente caiu ao longo do caminho; os pássaros vieram e a comeram. 5Outra parte caiu em solo pedregoso, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque a terra era pouco profunda. 6Logo, porém, que o sol nasceu, queimou-se, por falta de raízes. 7Outras sementes caíram entre os espinhos: os espinhos cresceram e as sufocaram. 8Outras, enfim, caíram em terra boa: deram frutos, cem por um, sessenta por um, trinta por um. 9Aquele que tem ouvidos, ouça. 10Os discípulos aproximaram-se dele, então, para dizer-lhe: “Por que lhes falas em parábolas?” 11Respondeu Jesus: “Porque a vós é dado compreender os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não. 12Ao que tem se lhe dará e terá em abundância, mas ao que não tem, será tirado até mesmo o que tem. 13Eis porque lhes falo em parábolas: para que, vendo, não vejam e, ouvindo, não ouçam nem compreendam. 14Assim se cumpre para eles o que foi dito pelo profeta Isaías: Ouvireis com vossos ouvidos e não entendereis, olhareis com vossos olhos e não vereis, 15porque o coração deste povo se endureceu: taparam os seus ouvidos e fecharam os seus olhos, para que seus olhos não vejam e seus ouvidos não ouçam, nem seu coração compreenda; para que não se convertam e eu os sare (Is 6,9s). 16Mas, quanto a vós, bem-aventurados os vossos olhos, porque veem! Ditosos os vossos ouvidos, porque ouvem! 17Eu vos declaro, em verdade: muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvis e não ouviram”. 18“Ouvi, pois, o sentido da pará­bola do semeador: 19quando um homem ouve a palavra do Reino e não a entende, o Maligno vem e arranca o que foi semea­do no seu coração. Este é aquele que recebeu a semente à beira do caminho. 20O solo pedregoso em que ela caiu é aquele que acolhe com alegria a palavra ouvida, 21mas não tem raízes, é inconstante: sobrevindo uma tribulação ou uma perseguição por causa da palavra, logo encontra uma ocasião de queda. 22O terreno que recebeu a semente entre os espinhos representa aquele que ouviu bem a palavra, mas nele os cuidados do mundo e a sedução das riquezas a sufocam e a tornam infrutuosa. 23A terra boa semeada é aquele que ouve a palavra e a compreende, e produz fruto: cem por um, sessenta por um, trinta por um.” (Mt 13,1-23)

O evangelista Mateus, traz-nos uma sequência de três discursos de Jesus. O primeiro foi o Sermão da Montanha, uma das bases apresentadas pelo Mestre para vida cristã; o segundo é chamado de Sermão Missionário, ao escolher seus apóstolos e orientá-los, explicitamente, como deve ser o trabalho missionário junto àqueles que desconhecem o caminho do bem; e o terceiro é visto como a explicação do Reino de Deus por meio de sete parábolas: a do semeador, sobre a qual refletiremos hoje; a que se refere à separação entre o trigo e o joio; a da semente de mostarda; a do fermento; a do tesouro valioso e escondido no campo; a da pérola de boa qualidade e a da rede de pesca. Mais uma vez vemos o número sete na Sagrada Escritura, trazendo-nos, de acordo com a numerologia bíblica, a lógica de um conjunto completo que descortina, de forma plena, o Reino de Deus em nosso meio, independente da tradição religiosa a ser seguida.

Mateus, ao nos apresentar a parábola do semeador, traz-nos, além da própria parábola (vv. 1-9), a razão de Jesus utilizar parábolas em seus ensinamentos (vv. 10-17) e, na sequência (vv. 18-23), a explicação da parábola em tela.

Podemos encontrar com frequência nos textos judaicos, além de diversos outros escritos ao longo do tempo, a utilização de parábolas que se referem a práticas cotidianas, na busca de se apresentar lições, didaticamente descortinadas, por meio de analogias. As parábolas apresentadas por Jesus destacam-se pela sua simplicidade, pelo vínculo de seu conteúdo com o dia-a-dia das pessoas, uma forma clara e pedagógica de apresentar seus ensinamentos, independentemente do grau de instrução dos ouvintes.

Ocorre que, em determinado ponto na narrativa de Mateus, Jesus destaca a distinta capacidade de apropriação de seus ensinamentos pelos seus ouvintes próximos, chamando a atenção para a dificuldade dos demais em compreender os mistérios do Reino (v. 11). Cremos que, diferentemente do que muitos advogam, a utilização de parábolas por Cristo Jesus não foi uma forma de velar, de camuflar, de esconder seus ensinos, revelando-os apenas para alguns poucos escolhidos. Foi, sim, uma forma de clarear algo infinito e não compreensível para nós humanos, uma forma de explicar o Reino que se encontra presente em nosso meio e que não o compreendemos e, muitas vezes, sequer o reconhecemos, tendo em vista nossa limitação humana.

O Deus que cremos, pleno de amor e universalidade, justo e inclusivo, certamente não utilizaria distintos meios de comunicação para alguns escolhidos, com o intuito de excluir os demais de tais ensinamentos. Acreditamos que tal processo instrucional foi utilizado de forma distinta entre as pessoas, dependendo do nível de evolução espiritual de cada um, respeitando assim a própria heterogeneidade da condição humana.

É claro que o livre arbítrio, tão divinamente respeitado em cada ser humano, faz com que aceitemos ou não as suas palavras, até mesmo para que nos preparemos para compreende-las, incluindo alguns e excluindo outros do universo compreensível do Reino, a depender de nosso crescimento espiritual. Por isso, as parábolas eram um meio de dar clareza aos seus ensinamentos, de decodificar algo que, pela compreensão humana, dificilmente seria apreendido. Não nos esqueçamos das palavras do próprio Jesus, ao responder ao sumo sacerdote sobre seus ensinamentos: “Eu tenho *falado ao mundo claramente. Eu sempre ensinei na sinagoga e no Templo, onde todos os judeus se reúnem. Não falei nada em segredo*” (Jo 18:20).

Quando Jesus disse aos apóstolos que eles compreendiam os mistérios do Reino dos céus, sobre a realidade divina na terra, necessitando, assim, explicá-la por parábolas aos demais, Ele não estava mostrando que os seus seguidores mais próximos eram superiores ou especiais. Apenas eram pessoas que mais rapidamente abriram-se para a verdade, o que não quer dizer que se tornaram santos e perfeitos de imediato, pois até Simão Pedro, líder escolhido pelo Mestre para conduzir seu rebanho após sua partida, negou Jesus por três vezes. Apenas quando permitimos ser conduzidos pelo Espírito de Deus é que somos capazes de reconhecer e compreender, plenamente, a Palavra divina, a sua Verdade e até mesmo a sua presença em nós. Por isso, Jesus exorta-nos a necessidade de ouvirmos seus ensinamentos com o coração e não apenas com os ouvidos. E exatamente quando falamos no livre arbítrio é que nos inserimos na parábola aqui refletida, a parábola do semeador.

Jesus encontrava-se sentado em uma barca, a beira do Lago de Genesaré, conhecido como Mar da Galiléia, diante da multidão que aguardava ávida pelos seus ensinamentos, mesmo sem ter a noção de sua grandiosidade e da riqueza e profundidade de suas palavras. Esperavam a salvação da carne, a liberdade de sua miséria, de sua pobreza, de sua escravidão, acreditando que aquele que os ensinava poderia lançar-lhes orientações de libertação e realização.

Aproveitando o ambiente, a realidade cotidiana, Jesus trouxe aos seus ouvintes, e a toda humanidade, a prática do semear, situação que, certamente, poderia ser visualizada por todas e todos presentes e, bem possivelmente, muitos dos que ali estavam já o tinham feito diversas vezes em sua vida diária. Dessa forma, lança a sua palavra, tal qual semente, assim como dizia em seu ensinamento.

Iniciemos com a identificação da semente – a palavra de Deus. A divina Palavra, em que pese as diversas interpretações e visões, neste caso, traz-nos um significado mais especial, pode-se dizer que nos traz a própria divina presença em nós, associada aos ensinamentos salvíficos, para que possamos caminhar com segurança no processo evolutivo espiritual. Reconheçamos a semente como a própria presença de Deus em nossa vida a qual, apesar de sua perfeição, pode ser aceita ou não, dependendo da opção individual.

Dessa forma, ao estar a semente de Deus presente em cada um de nós, e caso venha a se encontrar à beira do caminho, à margem de nossa vida, não fazendo parte de nossa compreensão para colocá-la em prática, sendo sequer evidenciada ou percebida, muito menos vivida, acaba sendo “roubada” por tudo aquilo que nos impede de nos relacionarmos com o Altíssimo, incapacitando-nos de acolher sua presença, disponibilizando-se para conduzir nossa vida.

Porém, quando a divina semente encontra-se em terreno pedregoso, em solo rochoso, pela impossibilidade de enraizar-se, morre sob o calor do sol, sucumbe diante das adversidades do cotidiano, das contraposições que enfrentamos, dos desafios que encontramos na luta para se fazer presente no mundo o amor e a compaixão de Deus entre os homens. A incompreensão, as desigualdades, os preconceitos, a opressão, toda uma realidade que nos pressiona e diante da qual nos sentimos fracos e impossibilitados de vencer, faz com que, por não nos entregarmos nas mãos de Deus, sucumbamos, permitindo, assim, que a presença do Todo-poderoso em nós não se enraíze, não se fixe e, consequentemente, “morre” e não floresça em nossos atos.

Ainda existe a possibilidade de a semente divina localizar-se em terreno repleto de espinhos, pleno de satisfações do mundo que inebriam, confundem, encantam e iludem os seres. Limitamo-nos, assim, aos prazeres do aqui e agora, aos deleites que nos agradam, à vaidade que nos encanta, ao orgulho que engrandece nossa pobre e limitada humanidade. Perdemos, então, a oportunidade de permitirmos que a presença de Deus em nós seja o grande e verdadeiro condutor de nossa vida, sufoca-se, então, a semente e, igualmente às situações anteriores, não frutifica.

Entretanto, quando a semente de Deus está no coração daquele que reconhece sua centralidade, vendo-a como razão de vida, sendo plenamente acolhida e permitindo que seja a verdadeira luz no caminhar cotidiano, enraíza-se, robustece seu plantio e produz frutos, tão belos e bons quanto a própria semente. Produz o amor entre os irmãos; a disponibilidade para o bem comum; a aceitação das diferenças e o respeito a todos os seres; a compaixão pelos mais necessitados que gera ações concretas de apoio e ajuda; a intransigência à opressão entre os homens; a não aceitação das injustiças sociais que mobiliza a posicionamentos e atitudes firmes no dia-a-dia, ou seja, vivemos como se o próprio Cristo estivesse presente, mantemos Jesus vivo em nosso meio através de nossas ações.

Na certeza da perfeição da semente divina, da sua presença em nossa vida, e da nossa liberdade de agirmos de acordo com nosso arbítrio, acolhamos o Deus vivo em nós, permitindo que Ele se faça realidade no mundo por nossas opções e atitudes, transformando-nos em terreno fértil para a multiplicação do amor e da compaixão entre os homens.

Um fraterno abraço a todas e todos vocês.

Milton Menezes